

A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO SON-RISE NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM CRIANÇAS AUTISTAS

SON-RISE METHOD USE IN PSYCHO-PEDAGOGICAL INTERVENTION WITH AUTISTIC CHILDREN

EL USO DEL MÉTODO SON-RISE EN LA INTERVENCIÓN PSICOPEDAGÓGICA CON NIÑOS AUTISTAS

Alida Mariele Santos Clemente¹
Leonardo da Silva Taveira²

Resumo

Além do aspecto cognitivo dos alunos, a educação precisa considerar também suas emoções e seus sentimentos no processo de ensino para uma aprendizagem real, interligada com as vivências dos discentes. Embora sem valor científico para alguns estudiosos, um número crescente de famílias recorre ao método Son-Rise como terapia para auxiliar o desenvolvimento dos filhos autistas. A partir de pesquisas, observou-se a eficácia do Son-Rise para intervenção psicopedagógica com alunos com transtorno do espectro autista (TEA). Portanto, o objetivo principal deste estudo é compreender como o método Son-Rise pode ser aliado na prática docente, baseado em estudos sobre afetividade e suas relações pedagógicas, além de apresentar um histórico e explicar o funcionamento do método.

Palavras-chave: afetividade; ensino-aprendizagem; autismo; Son-Rise.

Abstract

Besides students' cognitive aspect, education must also consider their emotions and feelings in the teaching process for a real learning, interconnected with the students' experiences. Although not scientifically valid to some scholars, an increasing number of families are using the Son-Rise method as therapy to help their autistic children development. From research, it has been observed Son-Rise's effectiveness for psycho-pedagogical intervention with students with autistic spectrum disorder (ASD). Therefore, the main objective of this study is to understand how the Son-Rise method can be an ally in teaching practice, based on studies about affectivity and its pedagogical relations, as well as to present a history and explain how the method works.

Keywords: affectivity; teaching-learning; autism; son-rise.

Resumen

Además del aspecto cognitivo de los alumnos, la educación necesita considerar también sus emociones y sentimientos en el proceso de enseñanza, para un aprendizaje real, vinculado con las experiencias de los estudiantes. Aunque carezca de valor científico para algunos estudiosos, un número creciente de familias recurre al método Son-Rise como terapia auxiliar para el desarrollo de los niños autistas. A partir de investigaciones, se pudo observar la eficacia del Son-Rise para la intervención psicopedagógica de estudiantes con trastorno del espectro autista (TEA). Por lo tanto, el objetivo principal de este estudio es comprender cómo el método puede ser un aliado en la práctica docente, sobre la base de estudios sobre afectividad y sus relaciones pedagógicas, además de explicar el funcionamiento del método y su historia.

Palabras-clave: afectividad; enseñanza-aprendizaje; autismo; Son-Rise.

1 Introdução

¹ Acadêmica do curso de Graduação em Psicopedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: mariele_clemente@hotmail.com.

² Professor no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: leonardo.t@uninter.com.

O método Son-Rise não é validado em todos os casos, e alguns estudiosos não atribuem valor científico ao método. Entretanto, cresce o número de famílias que buscam esse tipo de terapia para auxiliar o desenvolvimento dos filhos autistas. A partir de leituras e estudos, observou-se que o método diz muito sobre a importância da afetividade às crianças autistas, razão pela qual interessa a esta pesquisa entender como o Son-Rise auxiliaria professores em sala de aula.

Embora alguns pesquisadores e educadores não atribuam valor real às emoções e aos sentimentos na área educacional, estudiosos como Wallon e Piaget comprovaram o papel fundamental da afetividade no processo educativo. O presente trabalho se justifica pelo fato de muitos profissionais da educação não conseguirem trilhar um caminho para “entrar” no mundo do estudante autista, e por vezes não estabelecem vínculos com eles. Como objetivo principal, busca-se compreender como o método Son-Rise pode ser aliado na prática docente para a aprendizagem dos alunos. Os objetivos específicos são analisar o papel da pedagogia do afeto para a aprendizagem e adaptação da criança autista, descrever o método Son-Rise e alguns estudos realizados na área, bem como relacionar o método Son-Rise à educação.

A escola não é apenas lugar de conceitos e conteúdos, mas de construção de sujeitos cujo aspecto emocional está interligado ao cognitivo e às experiências vivenciadas. Portanto, os relacionamentos devem ser considerados para uma aprendizagem real. A pesquisa se baseia em estudos de autores referentes à afetividade e suas relações pedagógicas, além de apresentar histórico do método Son-Rise e discutir seu funcionamento.

Além das referências teóricas, aborda-se o filme *Meu filho, meu mundo*, por mostrar a criação do método Son-Rise e seu papel essencial à recuperação de Raun Kaufman, de modo que pudesse socializar e se desenvolver verbalmente.

Alguns autores como Tolezani, Geesdorf, Costa e Mollica, fizeram um vasto estudo a respeito do Método Son-Rise, da importância da afetividade no desenvolvimento, e do ensino-aprendizagem da criança autista.

A pesquisa tem caráter qualitativo, como grande parte das pesquisas relacionadas à educação. Será exclusivamente bibliográfica, visto que a pandemia de Covid-19 dificulta a realização de pesquisas de campo no âmbito educacional. Sendo assim, trará levantamento e análise de publicações sobre o assunto.

2 O método SON-RISE na aprendizagem da criança com espectro autista

2.1 Conhecendo o método Son-Rise

O método Son-Rise foi descoberto/criado em 1970 pelo casal Barry e Samahria Kaufman, que tinham um filho autista que não interagía com eles. Após estudarem, conhecerem muitas instituições e métodos, sentiam-se frustrados por nada se encaixar eficazmente no tratamento de seu filho, diagnosticado com autismo severo.

Por não aceitarem os diagnósticos médicos segundo os quais seu filho nunca socializaria ou se comunicaria verbalmente, iniciaram uma campanha para se aproximar do filho Raun, cujo QI era abaixo de 30. Sem muito conhecimento especializado, trabalharam incansavelmente a afetividade — aproximação amorosa que durou cerca de três anos e meio. O casal percebeu contínuos avanços que culminaram na recuperação de seu filho do autismo, que por fim estudou em uma conceituada universidade. Por conta disso, o casal criou um centro de atendimento em Massachusetts, denominado *The Autism Treatment Center of America*, e através do método Son-Rise obteve excelentes resultados na recuperação de pessoas com autismo, promovendo melhor interação social. O método recupera milhares de crianças desde então.

Acreditar na mudança e trabalhar de uma forma carinhosa, incentivando e tendo positividade, é de suma importância para o desenvolvimento da técnica do método Son-Rise. Sua abordagem consiste em inspirar as crianças, adolescentes ou adultos a participar, de forma ativa e interativa, em ações dinâmicas, espontâneas e divertidas com os pais ou outros adultos e responsáveis. O programa apresenta que quando o indivíduo participa desse tipo de interação, tende a se abrir mais e a tornar-se mais acessível, motivado e receptivo para aprender novas informações e habilidades. (GEESDORF, 2017, p. 15-16).

É preciso tratar uma criança com amor e respeito, e essas são premissas do método Son-Rise para lidar com o autismo. Quando o casal Kaufman percebeu que nenhum método ou clínica tratava crianças com transtornos do espectro autista como seres humanos dignos de respeito e afeto, perderam confiança nas abordagens de então e criaram um método inovador capaz de transferir todo amor que sentiam, conseguindo assim “entrar no mundo autístico” de seu filho e tirá-lo de lá. Quando se sentem respeitadas e percebem não haver mal em serem como são, essas crianças se tornam confiantes e participativas.

O método Son-Rise respeita aspectos das pessoas com autismo, como acontece na fase de autorregulação.

Quando a criança está isolada, desenvolvendo uma atividade solitária, caso o comportamento não promova nenhum risco para a sua integridade física, dos outros, ou da propriedade, permitimos que o comportamento ocorra para que a criança possa realizar a autorregulação e satisfazer suas necessidades sensoriais. Também buscamos fazer a ponte até o mundo da criança nos juntando ao comportamento dela, fazendo o mesmo que ela, atividade que demonstra para a criança nossa aceitação e disposição para estarmos com ela em seu mundo, e nos oferece informações valiosas sobre seus interesses, suas necessidades e preferências sensoriais. (SANTIAGO; TOLEZANI,

2011, p. 12).

O método requer do mediador vasta pesquisa sobre a criança ou o adolescente para compreender suas habilidades e seus interesses, bem como a maneira de se comunicar e interagir com o meio social. A partir disso é possível fazer uma ponte entre o mundo convencional e o mundo como o indivíduo autista o percebe, com respeito à singularidade de seu ponto de vista. “Quanto mais a criança se sentir aceita por esse adulto, mais ela confiará nele e as chances do sucesso do tratamento aumentarão.” (GEESDORF, 2017, p. 16).

Quando a criança demonstra estar interessada em nós, por exemplo, olhando para nós ou para o que estamos fazendo, falando conosco ou se dirigindo fisicamente a nós, identificamos uma mudança no estado de disponibilidade para interação e buscamos investir em uma atividade interativa prazerosa para a criança. Neste momento, nós celebramos com entusiasmo a sua iniciativa social e oferecemos com empolgação alguma ação divertida baseada nas motivações e interesses da criança. (SANTIAGO; TOLEZANI, 2011, p. 12).

Por isso a importância do discernimento prévio dos interesses individuais para facilitar o tratamento e torna-lo prazeroso; assim, se identificado interesse por música, pode-se intervir através das predileções do paciente nesse sentido, ou com um instrumento musical.

No início da interação, enquanto oferecemos a ação motivadora, procuramos não solicitar nada da criança, apenas celebrar as iniciativas sociais e focar na diversão, com o objetivo de deixá-la cada vez mais motivada pela interação conosco e pela ação que estamos oferecendo. Ao oferecermos a ação motivadora, é importante que busquemos ser mais interessantes que o objeto ou brinquedo que estamos utilizando, para que ela se interesse mais por nós do que pelo objeto em si. (SANTIAGO; TOLEZANI, 2011, p. 12).

Nesse caso, por exemplo, é mais importante que o mediador cante e dance enquanto a criança interage com o instrumento musical para gradativamente inserir somente a dança e o canto sem o instrumento musical. Cada sinal de interação do indivíduo deve ser muito bem explorado e comemorado, e esta interação deve ocorrer quando e como ele desejar, com o mediador sempre dispostos a interagir, não importa o momento, ou se a interação é verbal.

Enquanto a criança participa da atividade ou da brincadeira, inserimos metas educacionais personalizadas que ajudam a criança a aprender brincando. Quanto mais motivada a criança estiver dentro da atividade, mais participações conseguiremos solicitar dela e, de uma forma divertida, incentivá-la a superar suas dificuldades e desenvolver suas habilidades. (TOLEZANI, 2010, [n.p.]).

No método Son-Rise, toda a aprendizagem acontece principalmente através da afetividade, no contexto de uma interação divertida, lúdica, amorosa e dinâmica. O papel da

família é fundamental para o sucesso do programa, pois, consiste em uma participação significativa dos pais.

O Programa Son-Rise propõe a implementação de um programa domiciliar dirigido pelos pais, os quais podem contar com o auxílio de um grupo multidisciplinar de profissionais e voluntários. As sessões individuais (um-para-um) do programa são realizadas na residência da criança ou adulto com autismo, em um quarto especialmente preparado com poucas distrações visuais e auditivas, contendo brinquedos e materiais motivadores para a criança ou adulto com autismo que sirvam como instrumento de facilitação para a interação e subsequente aprendizagem. Os pais aprendem a construir, no dia-a-dia, experiências interativas estimulantes que convidem a criança a desenvolver-se socialmente dentro de um currículo claramente definido. (TOLEZANI, 2010, [n.p.]).

Contudo, professores também podem aplicar o método, porquanto se mostra muito eficaz e trabalha a afetividade da criança. O método Son-Rise contribui também para o professor perceber que trabalhar com o lúdico pode ser muito mais significativo que perpetuar outras práticas. O professor precisa ter bastante clareza sobre qual aprendizagem desenvolver com a criança autista, pois, as abordagens são diferenciadas, em razão das dificuldades com vários enfoques simultâneos. Por isso é preciso avaliar o que o aluno aprendeu, se é capaz de estabelecer contato visual, como é sua coordenação motora, sua comunicação verbal, etc.

Ao propor uma abordagem inter-relacional, de valorização do relacionamento com a pessoa com autismo, o Programa Son-Rise promove oportunidades para que pais, profissionais e crianças construam, juntos, novas formas de se comunicarem e de interagirem, em que atividades motivacionais e lúdicas fornecem a base para o aprendizado social, emocional e cognitivo, para a autonomia e para a inclusão social (TOLEZANI, 2010, [n.p.]).

O profissional que trabalha com uma criança com transtorno do espectro autista precisa ser persistente e paciente porque os resultados nem sempre são satisfatórios no primeiro momento. É necessário construir uma relação de afeto e respeito para que o aluno consiga interagir, interessar-se pelo que é ensinado.

Quando a criança começa a olhar na direção do professor, olhar para o que o professor está fazendo, olhar nos olhos, falar ou estabelecer algum contato físico, está dando um sinal verde, está se mostrando interessada ao que têm-se para oferecer, então se deve aproveitar essa oportunidade e criar atividades interativas, interessantes e divertidas para essa criança (ou adulto). É o momento de inserir metas educacionais, que ajudará a criança a aprender brincando. No programa Son-Rise, a ênfase dá-se na diversão, pois quanto mais a criança se interessar e se sentir motivada, mais se poderá ajudá-la a superar suas dificuldades. (GEESDORF, 2017, p. 16).

2.2 A contribuição da afetividade na aprendizagem escolar da criança com espectro autista

Antes da escola, a criança está acostumada com o afeto dos pais e familiares, sendo

pouco o contato com outras pessoas. Portanto, a entrada na escola pode acontecer de maneira traumática, especialmente para crianças com transtorno do espectro autista, por ser um período em que ficarão afastadas do lar e dos familiares com os quais estão acostumadas e que lhes oferecem afeto. Nesse contexto, o papel do professor é crucial através do tratamento que oferecerá para conquistar o aluno e tornar o processo de ensino-aprendizagem muito mais fácil e satisfatório. “É importante que a criança sinta-se bem acolhida e entenda que a separação é um processo natural e que comece a criar dentro de si a noção de responsabilidade” (SARMENTO, 2010, p. 13).

A relação entre afeto e cognição foi muito comentada entre estudiosos como Piaget e Wallon. Suas teorias apontam que o desenvolvimento intelectual se relaciona com aspectos emocionais.

Segundo Piaget, é incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência. Consideram-se dois aspectos importantes no desenvolvimento intelectual: um afetivo e um cognitivo. (SARMENTO, 2010, p. 13).

O ambiente aconchegante e acolhedor favorece o aprendizado, ainda mais quando há um bom relacionamento com os professores, quando aos alunos falta essa relação de carinho e afeto em casa.

Sentindo atenção voltada para si, a aprendizagem se torna prazerosa e o local de estudo aconchegante, resultando num total interesse em se relacionar com o professor e o restante da classe, buscando completo acesso ao saber pedagógico com interesse esperado e apresentando satisfação em estar naquele ambiente. (XAVIER, 2014, p. 10).

A figura do professor é referência para as crianças, que sempre tentam imitar seu comportamento, reproduzir sua atitude. Que os profissionais tenham abertura e queiram se relacionar bem com seus alunos é extremamente importante e fará muita diferença no desempenho escolar, seu e dos discentes.

Erroneamente, acredita-se que a criança autista não gosta de carinho. Entretanto, o professor precisa “conquistar” a confiança desse aluno. Quando isso acontecer, o próprio aluno demonstrará a existência de afeto mútuo. Sobre o papel do educador em relação à afetividade dos alunos, Paula e Faria (2010, [n.p.]) salientam:

Para que haja esse processo educativo efetivo é necessário que algo mais permeie essa relação aluno-professor. É esse algo a mais que falta em diversas instituições de ensino. A afetividade, uma relação mais estreita entre o educando e o educador.

Se o professor é um exemplo para o aluno, precisa manter bom relacionamento com todos os educandos, tratá-los com amor e respeito, valores que seus alunos levarão adiante. A partir do momento em que esse aluno “especial” perceber que o afeto, as relações de carinho e respeito são mútuas, comuns, também se sentirá acolhido e pertencente ao grupo, o que contribui para sua socialização e aprendizagem.

A preparação da criança para a escola passa pelo desenvolvimento de competências emocionais – inteligência emocional – designadamente confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidades de relacionamento, de comunicação e de cooperação. Sem o auxílio e o exemplo do professor pode se tornar uma tarefa árdua, pois a criança se espelha no exemplo e quem é o exemplo na escola se não o professor. (PAULA; FARIA, 2010, [n.p.]).

O papel dos educadores é contagiar seus alunos, ter alegria em ensinar, e isto se refletirá nos alunos. Sabemos que os sentimentos são contagiantes, mesmo os negativos, portanto, se o professor estiver de mau-humor para ensinar, seus alunos não terão boa vontade de aprender. Se em casa a criança não tem contato com sentimentos bons de felicidade e amor, a escola pode propiciá-los. Assim, a criança terá prazer em aprender e relacionará os conteúdos a coisas positivas. “Só se aprende a amar, quando se é amado. Por isso a criança tem que se sentir amada, para descobrir o que é amor. Nós não damos aquilo que não temos.” (PAULA; FARIA, 2010, [n.p.]). Esta também é uma das premissas do método Son-Rise, isto é, a criança só se desenvolverá satisfatoriamente ao perceber o quanto é amada, acolhida e respeitada, mesmo com suas especificidades.

Os pais têm um papel fundamental para um bom rendimento escolar de seus filhos, pois, crianças que se sentem amadas são mais confiantes para buscar informações e descobrir o mundo que as cerca. Se a família se inteirar sobre o que as crianças fazem na escola, o que aprendem, estas se sentem motivadas a se desenvolver para deixar seus familiares orgulhosos.

Podemos perceber que quando os pais se fazem presentes, mostrando interesse pelo filho, pela escola, pelo que ele está aprendendo, pelas coisas que está fazendo ou deixando de fazer e pelos seus progressos e necessidades, as crianças apresentam maior motivação para aprender, pois se sentem orgulhosas de seus feitos. (PAULA; FARIA, 2010, [n.p.]).

Se existe um clima afetivo em sala de aula, os conteúdos são melhor processados e a construção do conhecimento, favorecida. Ademais, quando os alunos têm bom relacionamento

com seus professores, isto melhora sua autoestima e os motiva a buscar conhecimentos para se sentir valorizado por seu educador.

[...] o professor deve ter empatia, sensibilidade para perceber qual é a atividade mais adequada àquele momento e à realidade do aluno. Além disso, o sucesso do encontro exige motivação das partes envolvidas, requer momento e local favoráveis e que o assunto a ser abordado seja condizente com pelo ritmo individual de cada aluno. (BRUST, 2009, p. 27).

O elogio é uma ferramenta motivacional de grande valia para os profissionais da educação, estreita os laços com seus alunos e faz com que sintam prazer em aprender. Quando um aluno com transtorno do espectro autista percebe que seu comportamento é reconhecido e valorizado, tende a repetir comportamentos positivos, tornando a aprendizagem mais promissora.

A afetividade é realmente um aspecto importante no processo de aprendizagem das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, porque fundamenta a relação entre o professor e o aluno. Ela não deve ser pensada como o único meio de atingir a aprendizagem, mas deve ser considerada como um dos elementos influenciadores do processo de ensino e aprendizagem. (BRUST, 2009, p. 30).

O ensino lúdico é um grande aliado da afetividade. Ao brincar ou aprender prazerosamente a criança desenvolve laços de afeto e demonstra alegria em aprender. As crianças com transtornos globais do desenvolvimento tendem a precisar muito mais de ferramentas lúdicas e visuais para construir sua aprendizagem. “Brincar nos proporciona alegria, prazer e vontade de aprender. Fazendo uso do lúdico dentro da sala de aula, encontramos uma forma divertida de o aluno aprender.” (PAULA; FARIA, 2010, [n.p.]).

É necessário perceber que o aluno não é um depósito de conteúdos, que o aspecto cognitivo não está separado de suas emoções, e que tal aluno, no caso do autista, por vezes se fecha em seu mundo e necessita de um olhar mais afetivo e compreensivo. É preciso trabalhar com o coração das crianças, descobrir seus anseios, seus agrados e desagradados, as situações que precisam suportar em casa, e o que esperam do futuro. Todas essas questões também precisam ser trabalhadas em sala de aula, e, para que uma criança adquira confiança em seu professor, este precisa tratá-la com amor, carinho e respeito.

A pouca atenção dada às aptidões do coração vem sendo apontada como uma das principais causas das relações frustradas e do descontentamento pessoal que atormentam o ser humano – ser social que necessita de afeto, carinho e compreensão. (ARAÚJO; OLIVEIRA; CAMARGO, 2005, p. 20).

Araújo, Oliveira e Camargo (2005) ressaltam ainda que,

Na área educativa, assim como nas demais, torna-se, portanto, fundamentalmente aprender a "ler" as emoções das pessoas que estão inseridas em nosso meio, e para isso nada melhor do que nos colocarmos no lugar do outro, tentando entender o que a outra pessoa está sentindo, e assim, podermos compreender melhor suas atitudes. (ARAÚJO; OLIVEIRA; CAMARGO, 2005, p. 28).

A melhor maneira de atingir o aluno portador do transtorno do espectro autista é conquistá-lo, fazê-lo confiar em seu professor para contar seus problemas porque espera ser compreendido. Sendo a escola lugar onde encontra afeto, sentirá prazer em aprender e estudar.

Uma criança com autismo pode desenvolver vínculo em qualquer lugar e com pessoas diferentes sem muitos motivos aparentes, de modo que a escola e os professores podem estar nesta lista. No entanto, ainda é na família que conseguem desenvolver maior sentimento de pertença e confiança.

Muitos são os locais onde uma criança com autismo pode estabelecer alguma forma de vínculo, porém é na escola que ela passa boa parte do seu dia, por este motivo, professores e colegas devem ser preparados para este convívio numa verdadeira prática inclusiva estabelecendo vínculos afetivos que permitam o desenvolvimento do aluno TEA. No entanto, é na família onde esses laços afetivos constituem um "porto seguro" protegendo-os desde os primeiros dias de vida, numa luta diária onde cada pequeno passo é comemorado como uma vitória; demonstração de entrega total, preservado para todas as etapas da sua vida. (MOLLICA, 2017, [n.p.]).

A partir disso é possível salientar que pais e professores devem trabalhar em conjunto para o desenvolvimento global da criança. A escola deve ser aliada em todo o processo de aprendizagem, manter pais e professores em constante diálogo.

Pais e professores, portanto, devem rever suas práticas educacionais no atendimento às crianças autistas e, empenhar-se em estabelecer laços afetivos a fim de estimular tais mentes a descobrirem suas capacidades. (MOLLICA, 2017, [n.p.]).

Crianças autistas costumam sofrer por carência afetiva porque sua família e a sociedade erroneamente acreditam que não gostam ou não precisam de afeto, equívoco resultante da dificuldade autista para expressar sentimentos de afeição pelas pessoas.

Na atualidade, nos chama a atenção a carência afetiva vivida pelo ser humano, e o número crescente de crianças que apresentam atraso simultâneo no desenvolvimento de funções básicas, socialização e comunicação. O fracasso em desenvolver relacionamentos com seus pares, falta de reciprocidade social ou emocional, atraso ou ausência de linguagem falada, fracasso em iniciar ou manter uma conversa, uso estereotipado e repetitivo da linguagem, ausência de jogos variados de faz-de-conta, padrões repetitivos e estereotipados de comportamento, incluindo maneirismos e estereotipias motoras. Os transtornos invasivos do desenvolvimento tais como o autismo, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância (síndrome de Heller), transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, que também é conhecido como autismo atípico, são diagnósticos frequentes de crianças na atualidade. (BELLAGUARDA, 2012, [n.p.]).

Através de um vínculo baseado em confiança e da convivência diária é possível perceber diferenças no comportamento da criança, e notar quando há algo de errado.

Vimos que observar, acompanhar e estar em permanente contato afetivo com o filho ou o aluno é sempre o melhor caminho para que pais e professores possam identificar possíveis distúrbios no comportamento da criança. Ser sensível a pequenas mudanças, como o excesso ou ausência de fala, os medos que comprometem sua boa inserção nos grupos sociais, o aumento de comportamentos agressivos, timidez e insegurança aumentados que comprometem a socialização. É comum que estas alterações comportamentais estejam acompanhadas ou sejam antecipadas por mudanças mais sutis que acontecem nas áreas do sono, da alimentação, entre outros. É ainda importante escutar e responder afetivamente às dores que podem aparecer ao longo do desenvolvimento infantil, porém, sem reforçá-las, como dores de cabeça, dores de barriga, o aparecimento de tiques, tais como roer unhas, piscar de olhos, gestos repetitivos, dentre outros. (BELLAGUARDA, 2012, [n.p.]).

O olhar do profissional do magistério que recebe uma criança de inclusão deve estar repleto de amor e carinho em primeiro lugar. Tal aluno exige dedicação e perseverança, pois, a figura do professor transmitirá esperança de um futuro promissor.

[...] a escola deve preocupar-se em preparar um grupo de professores especializados que seja consciente de que as crianças, para que adquiram um desenvolvimento pleno de suas potencialidades, precisam manter relações com indivíduos que compreendam sua subjetividade e características de cada faixa etária. (COSTA, 2011, p. 21).

Todas as crianças sentem necessidade de aceitação, acolhimento e respeito. Esses sentimentos alavancam o desenvolvimento e a aprendizagem, ao permitirem que o aluno se sinta integrado à sociedade. Entretanto, não basta deixar o estudante sob responsabilidade apenas da escola, a família tem um papel muito relevante no processo de aprendizagem, especialmente no que diz respeito a crianças autistas.

O papel do professor em sala de aula é essencial para resolver alguns problemas, entretanto, a escola também precisa oferecer suporte ao educador para que este atue de forma decisiva. O professor deve exercer sua prática com amor, pois, caso contrário, irá confirmar o que se tem atribuído ao ato educativo, a visão reduzida de mera transmissão de conteúdos. (COSTA, 2011, p. 21-22).

Com isso, é muito importante que o professor estimule o vínculo da relação entre professor/aluno, oportunizando situações que possibilitem inserir o aluno autista na rotina diária de sala de aula.

É por meio da interação professor-aluno que iniciam os primeiros laços de afetividade na escola. O docente deve dispor ao seu aluno um ambiente propício ao desenvolvimento dos sentimentos e emoções. Cabe a ele fazer com que os alunos, principalmente que chegam pelo processo inclusivo, estabeleçam uma relação integral consigo mesmos e com os indivíduos a sua volta. (COSTA, 2011, p. 22-23).

É necessário desmistificar a visão do autista como solitário e isolado em seu mundo. Alguns profissionais têm essa visão inclusive na escola, fazendo a criança ficar “de lado”, sentindo-se totalmente alheia a tudo.

A escola necessita aprender a lidar com a realidade do educando. Nessa relação, quem primeiro aprende é o professor e quem primeiro ensina é o aluno. Afinal, o aprendente com autismo não é um ser solitário compondo uma música que só ele ouve. Ele faz parte de uma orquestra, cujo maestro é o seu desejo, pois é para este que ele sempre olha. E o professor? O professor é o músico que dá vida ao ritmo que sustenta a música até o final. (CUNHA, 2016, [n.p.]).

2.3 O papel do professor na pedagogia do afeto

O professor é o centro de todo o processo de ensino-aprendizagem através das relações de afeto, pois, não é possível promover educação significativa sem construir uma relação de amizade com seus alunos. Por vezes, os professores são cobrados em relação aos conteúdos repassados, focados apenas nos aspectos cognitivos, sem tempo para perceber que o desenvolvimento cognitivo depende também de fatores emocionais. Os profissionais da educação também devem receber cuidados para seu bem-estar emocional, além de serem acolhidos em seu ambiente de trabalho e gostarem de lecionar.

Só podemos compartilhar com alguém aquilo que possuímos nada pode pela felicidade de outrem, aquele que não sabe ser feliz ele próprio. Portanto, para não se violentar nem violentar o outro, o professor necessita que as emoções positivas — alegria, prazer e amor — superem as negativas — raiva, medo e tristeza. (ARAÚJO; OLIVEIRA; CAMARGO, 2005, p. 31).

Vale ressaltar que os sentimentos e emoções dos professores poderão interferir em seu trabalho. Entretanto, se o professor não conseguir controlá-los, não compreenderá seus alunos.

[...] os maiores problemas no relacionamento humano são causados pela falta de controle emocional. Quando o professor não sabe lidar com seus próprios sentimentos, dificilmente conseguirá lidar com os sentimentos de seus alunos, principalmente diante de tantas atitudes que os aborrecem devido a um comportamento indesejado no momento da aula, como a indisciplina, o deboche, as conversas paralelas, o desinteresse pelo conteúdo que está sendo trabalhado. (ARAÚJO; OLIVEIRA; CAMARGO, 2005, p. 28).

É bem verdade que a Educação atual tem seus problemas e nem sempre é repleta de bons sentimentos. Em algum momento o professor poderá perder a paciência e extravasar emoções negativas, sentimentos podem vir dos alunos e contagiar uma turma inteira. Portanto, importa controlar as emoções, ser maleável e propositivo quando situações de indisciplina ocorrerem em sala de aula.

A partir de tal compreensão é possível perceber que as emoções dos educadores também devem ser trabalhadas na escola, e os demais funcionários também precisam ter uma visão sensibilizada para perceber quando seus colegas não estão bem.

Trabalhar no sentido de criar um ambiente agradável e livre de tensões na sala de aula. O aluno precisa aprender a ser feliz na escola, descobrir o prazer de aprender, e de fazer as suas atividades bem-feitas, aprender que é permitido errar é que o erro nos faz crescer. Não ter medo de descobrir, assumir e desenvolver a própria potencialidade. (BOMTEMPO, 1997, p. 9).

Isto posto, deve-se propiciar aos professores um ambiente agradável, compreensivo e acolhedor, com momentos de descontração e diálogos para falar sobre seus problemas e incertezas. Todavia, isto esbarra na dificuldade para oferecer mudanças necessárias a uma escola acolhedora para professores e alunos, visto que cargas-horárias devem ser respeitadas, bem como conteúdos e dias letivos. Entretanto, mudanças devem ser repensadas para uma melhora na educação brasileira, pois, ao contrário do que se pensa, seria um ganho para o setor educacional.

3 Metodologia

Devido à pandemia de Covid-19 enfrentada pelo Brasil desde março de 2020, tornou-se inviável desenvolver pesquisas de campo, visto que os ambientes educacionais estão trabalhando apenas remotamente, encaminhando atividades para garantir o direito de seus alunos ao aprendizado. Com isto, a pesquisa assumiu caráter qualitativo e de cunho apenas bibliográfico.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2007) trabalha com as crenças, o universo dos significados, dos motivos, das pretensões, dos valores e das atitudes intrínsecas dos participantes, isto é, com o que não pode ser quantificado. Silveira e Córdova (2009, p. 31) ressaltam que “Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.”.

Quanto ao procedimento adotado, julgou-se melhor utilizar a pesquisa bibliográfica. Segundo Silveira e Córdova (2009), a pesquisa bibliográfica parte do levantamento de referências sobre o objeto de estudo para aprofundamento e detalhamento do tema. Apesar de praticamente todas as pesquisas serem de caráter bibliográfico em algum momento, existem pesquisas que se tornam exclusivamente bibliográficas a fim de levantar material sobre o que já foi publicado.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda *per capita*; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não tem maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (GIL, 2012, p. 4).

O estímulo primordial para esta pesquisa sobre o método Sun-Rise partiu do filme *Meu filho, meu mundo*. Em seguida, buscaram-se, principalmente, artigos em revistas científicas, por não existirem muitos livros publicados acerca do tema.

4 Considerações finais

Este estudo representou uma tentativa de compreender como a afetividade interfere no desenvolvimento do ensino-aprendizagem de crianças autistas, e quais as contribuições que as emoções positivas podem trazer ao educador que as utiliza como ferramentas para apurar o desenvolvimento cognitivo de seus alunos, porquanto é na escola que se molda o caráter e a personalidade dos indivíduos. Sendo assim, para uma formação cidadã, é preciso trabalhar também valores afetivos. O método Son-Rise é também um aliado no processo de desenvolvimento de crianças autistas, e este trabalho defende sua aplicação e pretende contribuir para desmistificá-lo, bem como demonstrar o potencial terapêutico dos vínculos afetivos entre o professor e o aluno autista para desenvolver estratégias pedagógicas.

Todo ser humano é movido por suas emoções, positivas ou negativas. A escola deve transmitir somente sentimentos positivos e acolhedores. Se a escola for um espaço segregador, o aluno não terá prazer em aprender, e os professores enfrentarão grandes dificuldades para transmitir os saberes necessários à boa formação cidadã.

Porque os professores são espelho para as crianças, devem ser bons exemplos, inclusive emocionalmente, afetivamente, de modo que os alunos compreendam a melhor maneira de tratar as pessoas a seu redor. Através desta pesquisa, percebe-se que, quando o aluno autista tem um relacionamento de afeto com seu professor, os conteúdos são assimilados com maior facilidade, porque as aulas são transmitidas com amor e dedicação. E, quando o método Son-Rise é amplamente trabalhado em casa, pode se tornar um grande aliado na escola.

Referências

ARAÚJO, Auricélia Lima de; OLIVEIRA, Lucivane Camelo de; CAMARGO, Rosana Maria de Lima. **Afetividade**: os benefícios da utilização da afetividade como instrumento facilitador da aprendizagem de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6577/1/40250997.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BELLAGUARDA, Maria Isabel. A importância da afetividade para o desenvolvimento da criança na escola. **O Povo [online]**, Fortaleza, 19 fev. 2012. Ciência e Saúde. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cienciaesaude/2012/02/18/noticiasjornalcienciaesaude,2786524/a-importancia-da-afetividade-para-o-desenvolvimento-da-crianca-na-escola.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BOMTEMPO, Luzia. Escola do coração — um conjunto de atividades para desenvolver nos alunos a inteligência emocional. **Amae Educando**, Minas Gerais, n. 268, jun. 1997.

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2009%20JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

COSTA, Andreia Pires da. **A importância da afetividade no processo da inclusão escolar**. 2011. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2504/1/2011_AndreiaPiresdaCosta.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

CUNHA, Eugênio. O professor: afetividade e autismo. **Blog Instituto Nacional Saber Autismo**. [s.l.], 29 abr. 2016. Disponível em: <http://www.saberautismo.com.br/portal/blog/o-professor-afetividade-e-autismo>. Acesso em: 11 nov. 2021.

GEESDORF, Rosana Maria Nello da Cruz. **Métodos, programas e técnicas educacionais para atendimentos de estudantes com TGD**. Curitiba: São Braz, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2012.

MESQUITA, Vânia dos Santos; CAMPOS, Camila Christine Pereira de. O Método Son-Rise e ensino de crianças autistas. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras, v. 3, n. 7, p. 87-104, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/view/16975>. Acesso em: 11 nov. 2021.

MEU FILHO, meu mundo. Direção: Glenn Jordan. Produção: Bernard Rothman, Jack Wohl e Richard M. Rosenbloom. Roteiro: Barry Neil Kaufman, Stephen Kandel e Suzie Lyte Kaufman. EUA, 1979. cor., son., 137 min.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOLLICA, Fátima Borges da Fonseca. A importância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo da criança portadora do transtorno do espectro autista. **Web Artigos**, [s.l.], 13 mar. 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-afetividade-para-o-desenvolvimento-cognitivo-da-crianca-portadora-do-transtorno-do-espectro-autista/150055>. Acesso em: 11 nov. 2021.

PAULA, Sandra Regina de; FARIA, Moacir Alves de. Afetividade na Aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, Brasília, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SANTIAGO, Juliana Alves; TOLEZANI, Mariana. Encorajando a criança a desenvolver habilidades sociais no programa Son-Rise. **Revista Autismo: informação gerando ação**, São Paulo, ano 1, v. 1, p. 14-16, abr. 2011.

SARMENTO, Nara Regina Goulart. **Afetividade e aprendizagem**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71877/000880292.pdf?seq>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: SILVEIRA, D. T.; GERHARDT, T. E. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TOLEZANI, Mariana. Son-Rise uma abordagem inovadora. **Revista Autismo: informação gerando ação**, São Paulo, ano 1, p. 8-10, set. 2010.

XAVIER, Charlene Côrrea. **A influência da afetividade na aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2014. Monografia (Especialização Métodos e Técnicas de Ensino) — Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.